



doi: 10.20396/rfe.v12i1.8658937

Educação e cultura: um diálogo entre Tomás de Aquino e Paulo Freire para os tempos atuais

Education and culture: a dialogue between Thomas Aquinas and Paulo Freire for the current times

Jefferson da Silva¹
Marcus Tadeu Maciel Nahur²

Resumo:

Este texto pretende discutir os constantes desafios enfrentados pela educação e cultura, em tempos passados e presentes, dentro de uma linha de racionalidade teórica e prática, ladeando dois intelectuais situados em contextos históricos bastante distintos, Tomás de Aquino e Paulo Freire. Esta investigação é baseada em pesquisa bibliográfica, procurando demonstrar a possibilidade de aproximação dialógica desses dois intelectuais, ambos dedicados a um processo de abertura e crescimento de pessoas e instituições, que não deixam de chamar a atenção para o conhecimento, a inteligência e o estudo como pilares para a construção de um mundo melhor.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Instituições.

Abstract:

This text intends to discuss the constant challenges faced by education and culture, in past and present times, using in a research review discussion about such themes, within a line of theoretical and practical rationality, flanking two intellectuals situated in contexts quite different histories, Tomás de Aquino and Paulo Freire. This investigation is based on bibliographic research, searching for demonstrating the possibility of dialogical approximation of these two intellectuals, both dedicated to a process of opening and growth of people and institutions, which do not fail to call attention to knowledge, intelligence and study as pillars for building a better world.

Keywords: Education. Culture. Institutions.

¹ Doutorado em Filosofia pela PUC-SP, professor do Centro Universitário Salesiano de São – Unidade Lorena e da Faculdade Canção Nova – Cachoeira Paulista/SP; Endereço eletrônico: je.filos@hotmail.com

² Mestre em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unisal – Lorena/SP. Professor do Unisal (Lorena/ SP) e da Faculdade Canção Nova (Cachoeira Paulista/SP). Endereço eletrônico: macielnahur@gmail.com.

Introdução

Não se pode negar que a sociedade contemporânea convive com os prodigiosos avanços da técnica, da ciência e da tecnologia. Entretanto, não faltam as tais “novidades”, em ritmo frenético, que circulam pelas redes de comunicação, nem sempre pautadas em conhecimentos consistentes. Mas, as pessoas e as instituições, que se encontram envolvidas nesse turbilhão de informações, muitas delas banais e superficiais, cruzando os mais diversos ambientes sociais, correm o sério risco de anulação e, até mesmo, de perda da consciência individual e coletiva de que as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, de qualquer sociedade, sempre estarão atreladas ao seu maior ou menor comprometimento com educação e cultura de qualidade para os cidadãos. Nenhuma crise pode ser enfrentada e superada sem uma consciência crítica, coerente e consistente por parte de pessoas e instituições que estejam, de fato, engajadas num processo de avançar para além das trivialidades do mero senso comum e das cegueiras ideológicas, que pretendem manipular e confinar a sociedade em estados de ignorância e obscuridade, os quais aviltam até mesmo o menor bom senso acerca das realidades humanas e sociais.

Nesse sentido, este texto se propõe à inquietação de retomar, em tempos sombrios, a discussão sobre educação e cultura, dentro de uma linha de racionalidade teórica e prática, ladeando dois intelectuais situados em contextos históricos bastante distintos, Tomás de Aquino e Paulo Freire. O tema-problema suscitado consiste em investigar a possibilidade de aproximação dialógica desses dois intelectuais, em termos de suas preocupações com educação e cultura, não obstante estarem posicionados em contextos históricos bem diferentes. Assim, esta investigação, baseada em pesquisa bibliográfica, traz o esforço de encontrar aspectos essenciais concebidos por ambos, enquanto intelectuais dedicados a um processo de abertura e emancipação de pessoas e instituições, que não deixaram de apostar na inteligência, no estudo e no saber como vigas mestras para a construção de um mundo melhor, ainda que não seja o melhor dos mundos.

Para tanto, de início, coloca-se em pauta a visão de prioridade, mas também de enormes desafios que, em determinadas encruzilhadas históricas, vale dizer, ao tempo de Tomás de Aquino e de Paulo Freire, respectivamente, educação e cultura não deixam de enfrentar, sobretudo, por parte de todos aqueles que, incomodados com a formação de sujeitos reflexivos e emancipados, preferem desqualificá-las com retóricas falaciosas, camuflando por trás delas intentos instrumentalizadores e manobras sorrateiras de toda sorte.

Na etapa seguinte, busca-se retomar como Tomás de Aquino constrói sua visão de conhecimento, de estudo e aprendizagem, em sintonia com as nascentes universidades, colocando em relevo as matrizes formadoras de uma nova humanidade, diante de obscurantismos e tutelas senhoriais que ainda circundavam os ambientes intelectuais em que vivia, bem como a posição de Paulo Freire, enfrentando resistências e ataques, ostensivos ou velados, à sua proposta de uma educação criativa e libertadora.

Na sequência, para delinear um confronto ainda mais preciso e direto entre a visão de Tomás de Aquino e a de Paulo Freire, aborda-se o delicado problema da recepção que ambos tiveram na elaboração de seus pensamentos filosóficos educativos e culturais, vasculhando o que de mais essencial converge entre eles, não obstante seus contextos políticos e sociais sejam marcados por evidentes distinções de época.

Por último, faz-se um esforço para responder à indagação se, depois de ladeados no essencial, é possível dizer que Tomás de Aquino e Paulo Freire ainda merecem ser não só lembrados, mas, especialmente, discutidos como dois pensadores que apresentam propostas teóricas e práticas capazes de contribuir para as múltiplas e desafiadoras questões educativas atuais, auxiliando na emancipação intelectual das pessoas e tornando-as protagonistas de transformações das banalizações, mediocridades e superficialidades que inundam a desorientada sociedade contemporânea em seus aspectos antropológicos, éticos, políticos, econômicos, sociais e culturais.

1. Tomás de Aquino e Paulo Freire: dois intelectuais nas encruzilhadas da educação e da cultura

Tomás de Aquino emerge em meados do século XIII, quando desponta, já com bastante vigor, um aspecto ativo e impulsionador da criatividade para a civilização ocidental, vale dizer, o estudo sistematizado e o cultivo da inteligência, notadamente, nas universidades inauguradas no seio da sociedade. Não se ignora que o escolástico tenha passado por uma densa formação filosófica e teológica, tornando-se um mestre reflexivo, que aposta na “[...] inteligência, no estudo, na universidade, propondo um novo paradigma de educação.” (JOSAPHAT, 2016, p. 43). Na realidade, Tomás de Aquino pressente uma mudança qualitativa que, gradativamente, vai ganhando mais espaço, qual seja, a circulação mais ampliada do conhecimento, alcançando todas as demais atividades humanas. Trata-se de um prenúncio de novos tempos, que não se caracterizam apenas como um evento cronológico, mas como mudanças tecidas pela aproximação de pessoas e instituições, que estão comprometidas com uma intensa busca, por meio da educação e da cultura, de outras perspectivas para suas vidas, até então muito presas a estruturas senhoriais de tutela do livre saber. Não é por outro motivo que assim se diz sobre o escolástico:

Formado, de início, nos antigos moldes, nas escolas das catedrais e dos mosteiros, o jovem nobre Tomás de Aquino abre os olhos e toma consciência de outras modalidades e até de novas instituições que visam o saber como qualidade humana, portanto em si universal. O saber entra na história como uma forma original de poder. Homens e mesmo mulheres, a categorial social menos favorecida, [...], começam a se sentir e se mostrar poderosos por alcançar o conhecimento, mediante um estudo de caráter popular. (JOSAPHAT, 2016, p. 44-45).

Ao perceber uma nova modalidade mais universal e popular do conhecimento, Tomás de Aquino faz a opção de se dedicar ao estudo e a ensino, estudante e professor, uma forma intensiva de continuar um estudioso. Já é reconhecido, suficientemente, que a vida e a obra de Tomás

de Aquino foram marcadas pela universidade, talvez, a instituição medieval mais importante para a cultura ocidental (AERTSEN, 2019, p. 26). A definição de intelectual é a de um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e, de preferência, as duas coisas ao mesmo tempo, “[...] um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual - esse homem só aparecerá com as cidades.” (LE GOFF, 2017, p. 30). Talvez, uma visada na teologia e na filosofia, desenvolvidas no medievo, possa dar uma ideia do que começava a ser discutido, em termos intelectuais, no ambiente universitário:

A diferença se prende ao objeto estudado. Pierre Lombard [1100-1160 – teólogo que redige *Sentenças*] vai se dedicar às Escrituras. Transforma as Escrituras num sistema organizado de citações exprimindo as verdades. Indo mais além, os grandes escolásticos do século XIII articulam o conjunto do saber (cristão – não existe outro, ainda que esse saber cristão se integre ao saber ‘pagão’ antigo, judeu e árabe) em um corpo completo racionalmente construído, como a teologia. É uma *suma* – termo que mostra bem a ambição de caráter enciclopédico (o século XIII é também o séculos das enciclopédias). Tomás de Aquino, no terceiro quartel do século XII, construiu portanto a mais notável dessa sumas. Na sua *suma* ele integra, cristianizando-a, a mais notável filosofia da Antiguidade, a de Aristóteles, durante muito tempo um autor suspeito nas universidades. (LE GOFF, 2005, p. 109).

A vida intelectual e educativa de Tomás de Aquino foi intensa. Em uma de suas atuações, nas chamadas discussões de temas livres ou sobre o que se tem vontade de debater (*quodlibet*), ele chega levantar a questão de saber se a dedicação ao estudo e ao ensino não seria uma verdadeira perda de tempo (TORREL, 1999, p. 245). Mas, é claro que essa provocação de Tomás de Aquino não tem outro propósito senão o de levar à reflexão de que a vida dedicada ao estudo e ao ensino, para si e para os outros, é uma atividade dotada de nobreza, no sentido de que é por meio dela que o ser humano pode encontrar sua autorrealização e seu papel de agente transformador da realidade em que está inserido. Para o escolástico, a questão primordial do conhecimento, como experiência subjetiva, basicamente, está ligada às suas preocupações indeclináveis e argutas

críticas contra tudo aquilo que ele chamava de vícios contra verdade, quando se coloca a questão se um homem pode ensinar a outro, encaminhando sua resposta na seguinte direção: um homem, ensinando, só causa em outro a ciência que ele próprio possui; assim, comunica ao outro a ciência que ele mesmo tem, levando-o a dispor as representações imaginárias em sua alma, a fim de que estejam apresentadas, de modo adequado, para a apreensão inteligível. Essa posição é tida como verdadeira, porque é a mesma ciência no discípulo e no mestre, quando se considera a identidade segundo a unidade da coisa conhecida. Logo, para o escolástico, “[...] de fato, a mesma verdade da coisa conhecem o discípulo e o mestre.” (AQUINO, 2005, ST, I, q. 117, a. 1).

Tomás de Aquino tem consciência da grandeza e da fragilidade do ser humano, chamado tanto para perseguir uma plena realização na vida, quanto exposto ao fracasso, em função da “[...] carência de cultura, da falta de responsabilidade para se construir e construir o mundo como universo de virtualidades, bondade e beleza.” (JOSAPHAT, 2016, p. 59).

A preocupação com educação e cultura também marca as experiências de vida de Paulo Freire. A partir de seu aprendizado e de seu ensino, dentro do vigente sistema educacional do país, ele procura desvelar o que está em falta na sociedade em que esteve inserido. E sua inferência mais imediata é que de pouco adiantam remendos pontuais, quando se trata de pensar sobre tais assuntos de vital importância para as pessoas e para a sociedade. Para Paulo Freire, é necessário e urgente construir um sistema educativo renovado, capaz de mostrar a relevância da educação dentro de uma visão integral, como o caminho indesejável para a plena realização do ser humano, enquanto sujeito consciente de suas possibilidades e de seus limites, tanto em sua autonomia, quanto em sua capacidade para o compartilhamento e para a solidariedade. Nesse sentido, além de uma educação popular, ele quer promover também “[...] o método da educação humanista.” (JOSAPHAT, 2016, p. 46).

Nos anos cinquenta e sessenta, a sociedade brasileira buscava sua transição para uma sociedade moderna. Era implícita a disputa pelo poder

político entre as forças agrárias e urbanas, comerciais e industriais, respectivamente, além de problemas como massificação, analfabetismo e tantos outros que ainda resistem às transformações históricas. Dentro do cenário de uma época de relevantes mudanças, na sociedade brasileira e global, despontava a sua percepção mais clara de que era preciso aumentar o grau de consciência do povo sobre os problemas de seu tempo e de seu espaço. O pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire, portanto, parte de um contexto concreto e busca dar respostas também concretas para as necessidades dos cidadãos. Ao pensar a educação como prática libertadora, ele vislumbra o avanço socioeconômico e a superação da cultura colonial, através de movimentos de conscientização popular, impulsionando a busca de uma educação que favoreça o desenvolvimento crítico e a autonomia da cidadania. Nesse sentido, ele se mostra disposto a encontrar horizontes mais longínquos com e para a educação, incorporando novos parâmetros teóricos e práticos, alçando posições ainda mais realistas na construção de um pensamento-ação cada vez mais engajado no enfrentamento contra os interesses hegemônicos cristalizados na sociedade brasileira, os quais se apresentavam como barreiras para as legítimas aspirações das camadas populares, entendidas de maneira abrangente. A respeito da visão educativa freireana, portanto, há a seguinte observação:

Paulo Freire confessou, no último grande Congresso Internacional sobre o seu pensamento, realizado em setembro de 1996, em Vitória (Espírito Santo, Brasil), que se considerava, desde sempre, como um “menino conectivo”. Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica. Ele conseguia, [...], criar laços, interligar as categorias da história, da política, da economia, de classe, gênero, etnia, pobres e não pobres. Sua pedagogia não é apenas uma pedagogia para os pobres. Ele, como ser conectivo, queria ver também os não pobres e as classes médias se engajando na transformação do mundo. Toda pedagogia contém uma proposta política, implícita ou explícita. O “método Paulo Freire” é um excelente exemplo disso: não faz sentido separar o seu método de uma visão de mundo. Sua teoria do conhecimento está ancorada numa antropologia. (GADOTTI, 2007, p. 23-24).

Na sociedade, a educação emerge como ação sobre a consciência crítica do ser humano, sua dimensão relacional, sua criatividade despertada, sua conduta libertária, ampliando seu campo de entendimento e renovando seu tempo de ação. Por intermédio do conhecimento, ele pode enveredar-se pelas mais elementares e avançar até as mais complexas formas de compreensão das realidades externas e internas da vida humana e social. Paulo Freire, como pensador reflexivo, ao adotar a dialogicidade como essência da educação para liberdade, prioriza o ato de comunicação e convida a uma penetração na cultura do encontro e do diálogo como possibilidade humanizadora. O pensamento freireano se torna uma das propostas pedagógicas mais analisadas, debatidas, acatadas e também questionadas na época em que viveu seu elaborador e proponente, como uma expressão desse mesmo momento histórico-cultural. No entanto, entre tantas discussões suscitadas, uma ideia sua ficaria enraizada para as gerações presentes e futuras, vale dizer, a de que não existe educação fora das sociedades humanas, de modo que o homem, o único que pode ser educado, não existe em outro lugar, a não ser em sociedade, pois, não fosse assim, seria como admitir que ele ocupa o vazio.

Paulo Freire insiste na necessidade existencial do diálogo entre os seres humanos, embora reconheça todas as dificuldades reais para seu estabelecimento. Instalar o diálogo verdadeiro requer um esforço honesto dos interlocutores, um processo de interação de subjetividades, algo que exige abertura para escutar o outro e disposição para aprender com ele. Nesse sentido, o diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, não se esgotando, porém, na relação “eu-tu”. Não há seu esgotamento nessa relação, porque os dialogantes ainda vão além deles e buscam instituir um ato criador no mundo, atuando para a libertação não apenas de si mesmos, mas também da própria humanidade. No exercício do diálogo, as pessoas tornam-se sujeitos ativos que, mediados pelos contextos vividos e perspectivas vislumbradas, criam e recriam suas realidades, haja vista que os interlocutores não estão interessados em dominação ou

manipulação um do outro, mas voltados para o mundo em que estão inseridos, o qual precisa ser transformado e humanizado.

É inerente ao ser humano a construção educativa de si, do outro e do mundo, porque esse sujeito aberto ao diálogo, inexoravelmente, vai se perceber inserido em uma cultura, o que traz conexões com sua história de vida e com toda a realidade política, econômica e social em que está inserido. Em revista aos escritos do “Patrono da Educação Brasileira”, verifica-se que a educação é sempre desafiadora, porque se fundamenta e se nutre no constante diálogo, o que leva à seguinte reflexão: “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate.” (FREIRE, 1983b, p. 104). Educar é uma relação interativa entre sujeitos, isto é, na perspectiva intersubjetiva de “ler” e transformar realidades. Mas, ela também se constitui como uma relação sujeito-mundo. A riqueza da visão freireana de educação está contida na afirmação de que os seres humanos educam-se em comunhão, mediados por determinado objeto de conhecimento, particularmente, a realidade vivida: “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1983a, p. 79). A concepção educacional freireana atesta que, para pensar a respeito da educação, simultaneamente, é preciso refletir a respeito do ser humano, pois nele se encontra o fundamento em que se opera o processo educativo. O núcleo palpável desse processo é a experiência existencial da incompletude do homem (FREIRE, 1979, p. 27). O ser humano é um ser inacabado e, consciente disso, aspira a “ser mais”, de modo que a falta de educação o mantém na condição de “ser menos”. E, por ser inacabado, busca seu aprimoramento através da educação, não entendida como ato de adestramento ou treinamento, porquanto “[...] educar é substancialmente formar.” (FREIRE, 1996, p. 32).

Como se pode perceber, esse ladeamento dialogal entre Tomás de Aquino e Paulo Freire busca respeitar a distância multissecular dessas duas existências pessoais e dos modelos de sociedade em que atuaram. Tomás de Aquino aposta na inteligência, no estudo e na universidade como matriz

formadora da humanidade, enquanto Paulo Freire vive e busca irradiar, na sociedade brasileira e global, a proposta crítica e criativa de uma filosofia da educação e de uma pedagogia libertadora, reabrindo o caminho para uma humanidade responsável e solidária, mas ambos não veem outra possibilidade para essa construção que não passe por uma educação e cultura de qualidade oferecida como oportunidade a todos os seres humanos. No fundo, ambos estão comprometidos com a libertação das pessoas, porque reconhecem que a dignidade humana só é conquistada e afirmada, quando seres humanos, incluídos processos educativos e atividades culturais, adquirem cabedais de saberes que possam torná-los imunes a toda sorte de mecanismos alienantes e manipuladores.

2. Tomás de Aquino e Paulo Freire: o conhecimento como via de acesso para a autonomia libertadora

Quem é o sujeito do conhecimento, o protagonista da aprendizagem, não é uma indagação dos tempos atuais; ao contrário, essa pergunta estava presente nas reflexões de Tomás de Aquino como “Regente de estudos”, quando ainda o universo estudantil era circundado de certos obscurantismos e tutelas senhoriais. Para surpresa geral da época em que atuava como mestre, e, talvez, também para dias em curso, a resposta tomasiana é de tirar o fôlego, pois, mesmo vivendo em uma sociedade bastante hierarquizada, Tomás de Aquino não hesitou em dizer que ao mestre fica reservada uma função auxiliar, enquanto a função prioritária e ativa cabe ao aprendiz. A sua doutrina é tida como “[...] plenamente original.” (JOSAPHAT, 2016, p. 85). Ela vem demonstrada mediante o recurso ao hilemorfismo aristotélico, à doutrina do ato e da potência. É a teoria universal a que o Filósofo, como Tomás de Aquino se referia a Aristóteles, recorria para explicar os aspectos ativo e passivo do movimento, da mudança da atividade natural em todos os domínios e das instâncias culturais do desenvolvimento humano, como por exemplo, a ética e a estética. No fundo, a questão em foco envolve o problema da comunicação do saber. O mestre escolástico enfrenta, na *Suma*

teológica, se um homem não pode ensinar a outrem. Tomás de Aquino aponta várias objeções e opiniões acerca do palpitante assunto, que colocava em xeque estruturas cerradas de tutela da aprendizagem. Na realidade, há ali uma espécie de síntese da doutrina tomasiana, a qual ele já vinha desenvolvendo em outros textos, tais como, na obra *Sobre o Mestre*, bem como na primeira série das *Questões sobre a verdade*. O certo é que Tomás de Aquino, assumindo uma posição original sobre o paradigma e o método pedagógico, expõe dois argumentos principais que definem bem essa indeclinável questão envolvendo a relação ensino-aprendizagem. O primeiro argumento, que ele considera significativo, é que o mestre não é mesmo o causador da ciência no discípulo à maneira de agente natural. Não é preciso que a ciência seja uma qualidade ativa do mestre, podendo ser desenvolvida a partir da qualidade passiva do discípulo. O segundo argumento, ainda mais explícito, traz a clarividente concepção tomasiana, adotada na época em que se costuma dizer que tudo estava sob algum senhorio religioso ou político, no sentido de que “[...] o mestre não produz a luz inteligível em seu discípulo, nem lhe comunica diretamente as formas inteligíveis;” (AQUINO, 2005, ST, I, q.117, a. 1). E isso se opera assim, haja vista que “[...] mediante seu ensino, ele leva seu discípulo a formar por si mesmo, pela força de seu espírito, as concepções inteligíveis, das quais o mestre lhe propõe os sinais externos.” (AQUINO, 2005, ST, I, q. 117, a. 1).

Parece não haver qualquer dúvida de que Tomás de Aquino está afirmando, com translúcida convicção, que o mestre é tanto mais valioso e sua atividade mais reconhecida quanto mais ele ativa e valoriza o estudante, tornando-se mais significativo no processo de ensino-aprendizagem o seu despertar da autonomia daquele que está em busca do conhecimento. Ainda é possível ampliar esse aspecto da original posição de Tomás de Aquino, notadamente, quando ele cuida, na mesma *Suma* teológica, da assim chamada da virtude da estudiosidade - *de studiositate* - e de sua relação com o conhecimento (AQUINO, 2013 ST, II-II, q. 166, a. 1). Essas questões são bem típicas da compreensão de uma antropologia integral e da ética abrangente, que aperfeiçoa como a relação mestre e discípulo, por envolver

todo o processo de desenvolvimento do ser humano em sua dimensão pessoal e social. Ela traduz a preocupação tomasiana de acolher e estimular o novo surto intelectual na sociedade em que a universidade emergia e se inseria como lugar de interação de ideias e de saberes. Para o escolástico, o estudo implica, principalmente, a aplicação intensa da mente a alguma coisa. A mente não se aplica a alguma coisa a não ser conhecendo-a. Primeiro, o espírito se aplica a conhecer; depois, àquilo a que é levado pelo conhecimento. Como salienta o Doutor Angélico, “[...] o estudo busca, primeiramente, o conhecimento; e, secundariamente, tudo o mais que, para ser executado, precisa ser dirigido pelo conhecimento.” (AQUINO, 2013, ST, II-II, q, 166, a. 1). E, também, é preciso considerar o intelecto. O intelecto humano é finito. Ele não conhece em ato todos os inteligíveis, mas tem a potência de os conhecer. Trata-se, pois, de um intelecto possível. Mas, como nada passa da potência ao ato senão por obra do que já está em ato, a possibilidade de conhecer, própria do intelecto humano, torna-se conhecimento efetivo por ação de um intelecto agente, o qual faz com que os inteligíveis passem a ato, abstraindo-os das condições materiais. Contudo, é preciso indagar se não há um mesmo intelecto agente em todos os homens. Se o intelecto agente não fosse parte da alma, mas fosse uma substância separada, haveria um só em todos os homens. E é assim que entendem os que afirmam a unidade do intelecto agente. Mas, na visão do Doutor Angélico, ainda é preciso reconhecer que “[...] se o intelecto agente é parte da alma, como uma sua potência, é necessário admitir tantos intelectos agentes, quantas almas, que se multiplicam segundo a multiplicação dos homens.” (AQUINO, 2005, ST, I, q. 79, a. 5). O raciocínio de Tomás de Aquino para toda essa ordenação – qualidade passiva do discípulo, estudiosidade, conhecimento e intelecto agente - é bastante simples, podendo ser assim sintetizada: “Sem a qualidade ética do conhecimento, sem essa estima e cultivo da inteligência, a existência de cada pessoa e de toda a civilização sucumbe a uma perversidade radical e inexorável.” (JOSAPHAT, 2016, p. 94).

Não deixa de ser surpreendente que, séculos mais tarde, Paulo Freire lançaria sua teoria do conhecimento também ancorada numa antropologia. Em todos os seus escritos, ele fala das virtudes como exigências ou virtudes necessárias à prática educativa transformadora. E também deu exemplo dessas virtudes, entre elas, a tolerância e a coerência. Não foi coerente por teimosia. Para ele, a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança. Praticava a virtude do exemplo, vale dizer, dava testemunho do que pensava (GADOTTI, 2007, p.24). Além disso, Paulo Freire colocaria no centro de seu questionamento a reflexão se é “possível alguém ensinar a outrem”, a partir da qual tratou de desenvolver um feixe de argumentos para bem clarear essa questão na sociedade que ainda não estava acostumada com uma educação enquanto ação libertadora. Em *Pedagogia da Autonomia*, obra que se soma à *Educação – Prática da Liberdade*, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, formando a tetralogia fundamental da filosofia e da pedagogia freireana, será encontrado o tríplice feixe de teses enunciadas pelo pensador pátrio, que ajudam a bem entender aquela sua inquietação educativa e pedagógica. A primeira tese consiste na ideia de que “não há docência sem discência”, em que é evocada a compreensão que Paulo Freire tem e propõe da educação, qual seja, ela é um processo de interatividade do educador e do educando. Docência e discência se implicam, de modo que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A segunda tese enuncia que “ensinar não é transferir conhecimento”, o que quer dizer que é preciso criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, estando o docente aberto a indagações, curiosidades, inquietações daqueles que buscam se educar. A terceira tese considera que “ensinar é uma especificidade humana”, o que significa que os seres humanos são programados para aprender e, portanto, para ensinar, inclinados para o conhecimento, fazendo com que as práticas educativas se tornem um exercício constante do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. No fundo, por trás dessas três teses há uma concepção antropológica que vê o ser humano como essencialmente educável, ainda que se experimente inacabado na educação que segue

desenvolvendo continuamente. Nesse sentido, tem-se um construtivismo educativo, mas que não fica estagnado na pesquisa e na tematização, porque é preciso a ação transformadora do saber, bem explicado nos seguintes dizeres:

O construtivismo freireano vai além da pesquisa e da tematização: a terceira etapa do seu método - a problematização - supõe a ação transformadora. O conhecimento não é libertador por si mesmo. Ele precisa estar associado a um compromisso político em favor da causa dos excluídos. O conhecimento é um bem imprescindível à produção de nossa existência. Por isso ele não pode ser objeto de compra e venda, cuja posse fique restrita a poucos. Paulo Freire tinha um verdadeiro amor pelo conhecimento e amor pelo estudo. Mas dizia, conhecemos para: a) entender o mundo (palavra e mundo); b) para averiguar (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar ideias); c) para interpretar e transformar o mundo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo. (GADOTTI, 1997).

A ação educativa transformadora, o conhecimento como fundamento para a intervenção no mundo e a libertação humana parece um devaneio na sociedade contemporânea, em que a reflexão se encontra anestesiada e o automatismo robótico vai engolfando pessoas e instituições. Mas, na visão freireana, luta e esperança são indissociáveis e seu legado é o de não esmorecimento desses dois postulados fundamentais para uma educação emancipadora, tanto assim que seus dizeres são contundentes nesse sentido, tal como se pode perceber:

O essencial [...] desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. [...]. Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. Desesperança e desespero, consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo. (FREIRE, 1992, p.10-11).

A partir de sua experiência e reflexão, Paulo Freire se aproxima do pensamento de Tomás de Aquino, na medida em que considera que o ser humano um ser de esperança; e, é naquele inacabamento existencial e intelectual desse ser, que almeja ir mais além do que ainda não é, que se funda a educação como processo permanente de formação humana (JOSAPHAT, 2016, p. 129). E isso remete, inclusive, à discussão os rumos das instituições de ensino, cujo papel primordial deve ser a promoção do conhecimento, estimulando a autonomia e a criticidade de educadores e educandos, na interação constante de uns com os outros, de modo que fique preservada a inteligibilidade das coisas e dos fatos a partir desse conhecimento bem gerado por esses interlocutores sobre as realidades políticas, econômicas, sociais e culturais que os cercam. Aqui vale a pena lembrar o alerta de que os estabelecimentos educacionais devem instigar essa relação educativa, “[...] em vez de ‘amaciá-la’ ou ‘domesticá-la’.” (JOSAPHAT, 2016, p. 130). Essa via tem a capacidade de ir alterando, de maneira significativa, o quadro de uma educação e cultura relegadas à mediocridade e ao descaso.

3. Tomás de Aquino e Paulo Freire: convergências doutrinárias essenciais

Promover o culto e o cultivo da inteligência para além da alienação e da manipulação, tanto para Tomás de Aquino, quanto para Paulo Freire, constitui a base para o futuro da humanidade. Mesmo em contextos distintos, ambos souberam distinguir o valor singular e exponencial da inteligência como primordial para a busca de realização pessoal e social.

Para bem delinear a contribuição histórica dos dois pensadores e examinar a viabilidade das atitudes inovadoras dos mestres, convém destacar o conteúdo básico e a qualidade desse “encontro imaginário” deles naquilo que se pode chamar de mais alto e essencial em termos de educação. Mas, não se trata apenas e uma demarcação teórica daquilo que é mais alto e essencial para Tomás de Aquino e Paulo Freire, e sim daquilo que se pode

colher deles como mais básico e profundo para cada pessoa e para cada sociedade. Duas teses estruturantes podem ser, pois, enunciadas e desenvolvidas desse ladeamento entre Tomás de Aquino e Paulo Freire, a saber: a do valor e hierarquia da inteligência e a do primado e universalidade do estudo.

Com relação ao primeiro enunciado, um e outro tiveram em alta conta a função precisa e integrada de conhecer, sem se perder em apenas noções parciais e fragmentárias das coisas, inclusive, com isolamento do lado subjetivo e objetivo no processo cognitivo. Tomás de Aquino e Paulo Freire acolhem e examinam a possibilidade da harmoniosa conjunção do ser humano que penetra na realidade do mundo, das pessoas e das coisas, buscando tanto uma justeza dessa relação, sem perder a consciência de que em todo processo de conhecimento há a exigência de permanente compromisso com o seu aprimoramento. No tempo de Tomás de Aquino ou no de Paulo Freire não faltavam inquietudes, inseguranças, medos graúdos ou miúdos, que deflagravam processos de agressividade, repressão e violência. Mas, esse cenário, em qualquer época, não pode e nem deve acantonar a confiança na inteligência e numa educação libertadora. É a busca da verdade que ainda inspira todo esse empenho educativo, não obstante as tantas resistências, de ontem e de hoje, vindas dos mais diversos estratos da própria sociedade, ora dos rasos níveis do mero senso comum, ora das mais perigosas cegueiras ideológicas. Obviamente, não se pode negar que, desde os tempos de Tomás de Aquino aos de Paulo Freire, a humanidade vem experimentando extraordinários avanços técnicos, científicos e tecnológicos, tidos como estaleiros de um novo mundo e que tanto encantam os sistemas educativos. Por certo, não são descartáveis, porque podem contribuir como ferramentas utilitárias com suas respectivas eficiências. Entretanto, não são eles que qualificam um sistema educativo. A propósito, cabe aqui introduzir uma observação que não pode passar despercebida, a de que no campo das ciências humanas e sociais a atividade científica se torna ainda mais problemática, porque enfrenta um objeto de pesquisa ainda mais imprevisível: o homem, atravessado por uma dimensão

que até hoje ainda ninguém sabem bem o que é, vale dizer, a tal liberdade humana (ALVES, 1981, p. 207).

Tomás de Aquino e Paulo Freire vão insistir que a educação, em sua essência mais sublime, envolve o reconhecimento do processo inacabado de todo ser humano, o qual é chamado, por intermédio dela, a realizar-se mediante um conhecimento que ajude a desvendar o sentido da existência e da história, proporcionando a todos a possibilidade de desenvolver uma consciência crítica e resistente, apoiados na inteligência e na liberdade, a todas as formas de alienação, manipulação ou opressão que insistem em colonizar a vida das pessoas e das sociedades em que elas estão inseridas. Não é por outro motivo que Tomás de Aquino já enfatizava a importância da compreensão do que é conhecer, da condição de necessário desenvolvimento dos saberes em todos os planos, graus ou instâncias de sua efetivação para promover a realização pessoal e social de cada ser humano, como por exemplo, suas preocupações com as muitas questões relativas à indeclinável importância da justiça para a vida coletiva, notadamente, em suas modalidades de justiça distributiva e comutativa (AQUINO, 2012, ST, II-II, q. 58, a. 5-8), enquanto Paulo Freire repassa a crucial importância de uma compreensão integral e autêntica do ser humano, uma antropologia vivida, elaborada, incluindo a compreensão da educação como a qualidade mais própria da sua existência e também de sua condição de ser cultura, o que significa educável, inexoravelmente dotado da possibilidade e da exigência de afirmar sua autonomia e dignidade mediante um processo educativo que se afirme como prática de liberdade, encontro e diálogo (FREIRE, 1983b, p. 37-39). Por isso, quando se trata de verdadeiro compromisso educativo, fica sob suspeita a transmissão de conhecimentos pré-fabricados e com intencionalidades outras, explícitas ou implícitas, que anulem tais postulados. Não é por outro motivo, pois, que “[...] Paulo Freire falará do detestável e pernicioso sistema da educação ‘bancária’, que visa depositar informações no cofre que seria a mente do educando.” (JOSAPHAT, 2016, p. 97).

No tocante ao segundo enunciado, do mesmo modo, Tomás de Aquino e Paulo Freire continuam vozes ressoantes do primado e da universalidade do estudo, ainda que se trate de um postulado assumido em contextos históricos, sociais e culturais distintos, mas visando aos mesmos objetivos, a saber, proclamar e elucidar a necessidade absoluta do estudo como exigência primordial desse caminho como a alternativa mais plausível e pertinente para a plena realização de todo ser humano e para a consolidação de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Tomás de Aquino define o estudo como uma virtude que aperfeiçoa o apetite de saber, que faz a pessoa inaugurar uma vida de autenticidade teórica e prática. Para ele, o conhecimento em si, e o estudo que o aplica em todos os planos da ação, constituem um problema universal, mas comportando duplo aspecto ou duplo objetivo específico, exigindo cada um sua própria qualificação ética distinta. Daí, a necessidade de uma virtude que tem algo de universal, embora tenha sua natureza bem definida de qualidade orientadora do conhecimento e de seu dinamismo próprio, que vem a ser a boa curiosidade ou o apetite de bem conhecer. O estudo se aplica primeiro a retificar o conhecimento e, em seguida, tudo o mais que, para ser executado, precisa ser dirigido pelo conhecimento. Há uma responsabilidade fundadora sobre o aperfeiçoamento e a retidão do conhecimento para que a verdade assuma e transforme toda a vida e todas as atividades humanas. Para o escolástico, naturalmente, os seres humanos desejam conhecer (AQUINO, 2013, ST, II-II, q. 166, a. 2). Aliás, segue aqui bem de perto aquilo que já preconizava a doutrina aristotélica, quando o Filósofo assim disse: “Todos os homens por natureza tendem para o saber.” (ARISTÓTELES, 2002, p. 3). Mas, sem a qualidade ética do conhecimento, sem o compromisso com o bem conhecer, a existência das pessoas e da própria sociedade fica vulnerável às mais diversas influências perversas dos desvios, das desorientações e de toda sorte de desmando corrosivo da própria verdade das coisas, pois, o estudo implica, principalmente, a aplicação intensa da mente a alguma coisa. A mente não se aplica a alguma coisa a não ser conhecendo-a. Primeiro o espírito se aplica a conhecer; depois, àquilo a que é levado pelo

conhecimento. Logo, para o Doutor Angélico, “[...] o estudo busca, primeiramente, o conhecimento; e, secundariamente, tudo o mais que, para ser executado, precisa ser dirigido pelo conhecimento.” (AQUINO, 2013, ST, II-II, q. 166, a. 2). Paulo Freire traz isso para o plano ainda mais concreto, quando fala de quão imprescindível é saber e realizar a leitura da própria vida, das experiências de cada momento, as situações e condições da sociedade em todas suas instâncias de cultura e poder, sendo sempre urgente discernir os valores e direitos que competem a todos, como também os desvios, as misérias e injustiças que oprimem os analfabetos, os portadores de uma consciência passiva e alienada diante de tantas injustiças e exclusões (FREIRE, 1983a, p. 25-27). Não é por outro motivo que assim se tem dito sobre esses dois pensadores da educação:

Tomás e Paulo emergem na história levantando essa bandeira da libertação universal: o estudo é a luz e a energia libertadoras no coração da humanidade, preservando-a ou libertando-a dos analfabetismos alienantes. (JOSAPHAT, 2016, p. 163).

Para ambos a educação não é aprimoramento acidental ou muito menos privilégio de alguns, mas um direito natural e universal. Tomás de Aquino funda essa sua convicção numa antropologia realista, que sustenta um ser humano capaz de agir racional e eticamente, de se orientar de maneira responsável e de se relacionar com o outro e com a sociedade de forma proveitosa para um e outro, na medida em que as pessoas e a sociedade aprendem a se orientar pelo horizonte mais profundo do bem comum. E Paulo Freire prossegue com sua visão de que no existir e no conjunto das relações, o ser humano precisa de uma educação integral, harmonizadora e refratária a toda dominação, o que construirá uma geração de “alfabetizados” que saber ler um mundo a libertar, a transformar e a humanizar.

4. Tomás de Aquino e Paulo Freire: dois pensadores desafiados e desafios à atualidade de suas propostas

Em sua atitude mais intelectual, obviamente, Tomás de Aquino não pratica a “leitura” freireana das realidades de seu tempo, não obstante afirme o propósito de retificá-las ou de lhes acelerar a marcha rumo a uma racionalidade filosófica, cada vez mais coerente com as transformações da vida. Com seu pensamento filosófico, estruturado dentro de uma rigorosa articulação metafísica, ética e antropológica, mas sem perder a visão realista das coisas, o escolástico se apresenta também como um homem inserido no ambiente universitário e experimenta os desafios políticos, sociais e até religiosos da época.

O século XIII representa o período áureo da filosofia e da teologia em função de muitos fatores. Entre eles, merecem destaque a formação de universidades, a instituição das ordens mendicantes e o contato do mundo ocidental com obras filosóficas até então desconhecidas. No âmbito político-social, esse período é marcado pelo amadurecimento das chamadas comunas e pelo desenvolvimento de camadas burguesas, ainda que haja uma pretensão de plenitude eclesiástica do poder. Na ótica religiosa, o Ocidente professa a fé católica, que penetra em todas as classes sociais. O primado do catolicismo explica o lugar de proeminência ocupado pelo papado, havendo o reconhecimento da função de mediadora e de guia da Igreja.

Do ponto de vista das instituições eclesiásticas, é o período das grandes ordens religiosas mendicantes, a dos dominicanos e a dos franciscanos. Empenhados na pregação, essas novas ordens religiosas logo perceberam a importância da universidade não só para o aprofundamento doutrinário e eficaz da evangelização, mas também para a imersão em vários campos do conhecimento. De fato, o centro intelectual da cidade era constituído pela universidade. Não é por outra razão que se diz:

As cátedras, que a duas ordens religiosas logo conquistaram, tornaram-se os centros mais balizados, pela seriedade do ensino e pela profundidade doutrinária. Pode-se dizer que o século XIII é o século de Alberto Magno e Tomás de Aquino[...], de Alexandre de Hales, Boaventura de Bagnoregio e de João Duns Escoto [...]. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 531).

Dentro da perspectiva mais cultural, o acontecimento filosófico de maior importância, no século XIII, é constituído pela lenta difusão do pensamento de Aristóteles. Além dos escritos lógicos, que já vinham sendo utilizados, os textos de física e metafísica tornaram-se, pela primeira vez, objeto de estudos e debates. A novidade das obras aristotélicas está no fato de que oferecem aos escolásticos explicação do mundo e do homem, tendo a razão natural como uma base para essas investigações, mas sem que eles descartem, obviamente, os aspectos indeclináveis das verdades da revelação. Nesse sentido, é preciso ter bastante claro o seguinte:

Com a descoberta das obras de física e metafísica de Aristóteles, não somente passou-se a ter instrumentos formais autônomos, mas também conteúdos próprios e perspectivas novas, elementos que levam a filosofia a pretender autonomia própria e distinção clara em relação à teologia. Embora a fé tenha necessidade da razão, esta, porém, possui âmbito independente com conteúdos próprios. Pode-se dizer que o século XIII foi o século da aceitação ou rejeição de Aristóteles, do repensamento de sua doutrina no contexto das verdades cristãs ou de sua ‘cristianização’. Em suma, trata-se da questão da relação sistemática entre fé e razão, entre filosofia e teologia. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 532).

Tomás de Aquino dispõe das mais recentes traduções de Aristóteles e de seus comentadores, mostrando-lhes a que ponto o chamado “segundo averroísmo”- o monopsiquismo, ou seja, tese de que todos os seres compartilham uma e mesma alma (mente) eterna - contrapõe-se à doutrina aristotélica. Ele se apresenta no ambiente intelectual de seu tempo como um aristotélico moderado, porque entende as possibilidades da razão natural, enquanto estruturante do intelecto passivo (possível), da estudiosidade, do conhecimento e do intelecto agente para alcançar as verdades a ela acessíveis, obviamente, complementadas pelas verdades vindas da revelação. Como se costuma dizer, “[...] Tomás seria o mais fiel e penetrante dos comentadores de Aristóteles.” (TORREL, 1999, p. 266). Além disso, também se acrescenta que, com relação ao pensamento

aristotélico, “[...] Tomás sente-se autorizado a pôr-se em seu lugar para prolongá-lo e fazê-lo dizer coisas em que ele nem sequer poderia ter pensado.” (TORREL, 1999, p. 278). O escolástico entende que a operação própria de cada homem é inteligir as coisas. Por almejar essa inteligibilidade, o homem se inclina para conhecer, até porque a natureza deve estar organizada de modo a “[...] permitir que os seres humanos em geral satisfaçam seu desejo natural de conhecer.” (KRETZMANN, 2019, p. 166). E, como o objeto do desejo natural de uma coisa é o seu bem natural, não causa surpresa Tomás de Aquino se referir, com frequência, para desconforto de muitos, à observação aristotélica de que a verdade é o bem natural do intelecto, enquanto o falso é o seu mal. Essas discussões não trazem somente um interesse intelectual. Elas são também de crucial importância para se entender Tomás de Aquino, um homem que não hesita em atestar que a ciência é também um conhecimento certo das coisas que são necessárias por natureza. Significa dizer que é central na epistemologia tomasiana que os entes humanos tenham acesso cognoscitivo aos seus próprios atos de cognição e seus fundamentos para julgar que alguns deles correspondem à realidade. Nesse sentido, é possível dizer que a intelecção e a ciência tornam-se proposições evidentes para os sujeitos cognoscentes e seus objetos são coisas vistas como verdadeiras (MACDONALD, 2019, p. 222). Quando se raciocina com esse tipo de conhecimento e se chega à conclusão que algo é e não é simultaneamente uma mesma coisa, o intelecto humano não formula apenas o raciocínio “isto é um absurdo”; além disso, ele também chega a pensar “isto não existe”. Essas noções fundamentais do conhecimento, tão em falta nos tempos atuais, nos mais diversos ambientes educativos, estavam presentes na concepção de Tomás de Aquino sobre a natureza do saber e na sua maneira rigorosa e argumentativa de buscar a verdade das coisas pela via intelectual, mesmo diante das mais virulentas oposições nem sempre racionais. É por isso que se diz que Tomás de Aquino, em suas atuações magisteriais, procurava expor os argumentos racionais mais intensos para o entendimento das coisas reais e necessárias

que o intelecto podia alcançar. Um educador do intelecto, de quem se costuma dizer o seguinte:

[...] um lutador que não hesita em se bater quando necessário, e pronto a responder a qualquer desafio, leal e rigoroso, sem dúvida, mas também impaciente na polêmica ante adversários que não compreendem o peso de uma argumentação, indignados de seus questionamentos que minam a fé. (TORREL, 1999, p. 228).

A vida intelectual a que Tomás de Aquino se dedicou, com muita intensidade, não deixou de lhe causar problemas educativos, tendo sido muitas vezes acusado de um racionalismo que ultrapassava os limites de quem era também um frade. Talvez, ainda falte um pouco mais de compreensão desse cenário intelectual do século XIII, no espaço universitário, o que pode ser aqui vislumbrado:

Desde o século XII, Abelardo tinha dito que os novos teólogos (sem dúvida, ele criou a palavra) deviam utilizar o método da dúvida, de Aristóteles. Isso, cinco séculos antes de Descartes. Tomás de Aquino, para ficarmos num único exemplo, [...], deixa muita gente confusa.” (LE GOFF, 2005, p. 112).

O fato é que ele era comprometido com o conhecimento e, por conseguinte, com a virtude da estudiosidade, não descartando todas as análises possíveis das questões, sob o ângulo da razão teórica e prática, a ponto de ser consultado por interessados em saber sua opinião sobre os mais diversos assuntos, o que se estendia a indagações que abarcavam “[...] a combinação dos elementos e o movimento do coração, [...] o governo dos súditos, [...], as operações ocultas da natureza e as previsões astrológicas.” (NASCIMENTO, 2011, p. 53). Fala-se de uma filosofia perene, capaz de cooperar com a natureza, livremente, para o aperfeiçoamento do homem e o progresso razoável da civilização. E o tema da liberdade, nuclear para o educador, é indissociável do tema da razão. Mas, o que é essa tal razão? A resposta mais simples é a seguinte: a virtude é racional. Aqui, vale a explicação mais direta possível sobre o pensamento tomasiano, que tem pela razão uma reverência indeclinável, pois se considera que “[...] vida virtuosa

é o império da razão.” (CHENU, 1967, p. 142). É ela que vai possibilitar a compreensão do sentido que ordena a realidade, dando-lhe a unidade, a verdade, a bondade e a beleza do mundo. Além disso, é essa mesma razão que proporciona ao sujeito a aquisição de hábitos, tornando as relações humanas com preceitos e norma algo libertador. Esses hábitos não são uma espécie de “camisa de força”, como possam parecer, possibilitando a melhor compreensão, por exemplo, de uma frase bastante educativa, que Tomás de Aquino resgatou de Aristóteles, a saber: “a pedra nunca se acostuma a ser dirigida para cima.” Não é apenas da lei da gravidade que está se falando, dentro da linguagem da ciência moderna, mas de uma metáfora que resgata o educador comprometido com a liberdade do educando, que começa pelo reconhecimento dos limites naturais de sua humanidade. Não é por outro motivo que assim se diz sobre a filosofia perene, com suas virtudes cardeais da coragem, temperança prudência e justiça, que tem em Tomás de Aquino o pensador referencial:

[...] a filosofia perene afirma incessantemente que é a realidade que mede o pensamento, que o põe em seu lugar, leva-o ao seu centro, à presença de si mesmo, por meio de uma espécie de ‘caminho das pedras’, tirado de cada uma das quatro virtudes cardeais: a humildade, a magnificência, a veracidade, o discernimento. Este caminho conduz da ignorância radical que reconhece o mistério, a sabedoria, evitando a arrogância, a mediocridade, a simulação e o escapismo. (BARCELLOS, 2009, p. 38).

Paulo Freire interpela a sociedade brasileira do século XX, mais especificamente, entre os anos de oscilação da democracia para a ditadura, e até mesmo a humanidade, lançando-lhes uma mensagem crítica e renovadora da educação e da pedagogia. Ele levanta bandeira da libertação e da esperança, buscando despertar as consciências e mobilizar a opinião pública sobre a indeclinável reivindicação por uma educação íntegra e emancipadora em contraposição a modelos de “educação bancária e alienante”, aliás, o que ainda se encontra instalado em muitos ambientes educativos do país nos tempos hodiernos. Mas, a chamada a essa atitude, esse apelo à razão teórica e prática se dirige todos os cidadãos, porquanto se

“[...] funda em uma antropologia e uma metafísica de caráter universal.” (JOSAPHAT, 2016, p. 213). O seu postulado proclama como uma evidência racional inexorável para todo ser humano, que precisa transgredir a consciência passiva para consciência autônoma e ativa, para não ficar refém dos interesses alienantes, egoísticos, manipuladores de todo tipo que se alastram na sociedade contemporânea, brasileira e mundial. Assim, ele vai elaborando uma filosofia da educação, na perspectiva dessa antropologia filosófica e cultural, não descolada das realidades políticas, econômica e sociais experienciadas pelos indivíduos e pelas sociedades. O dinamismo que impele o desenvolvimento dessa filosofia da educação é a práxis da “alfabetização”, iluminada por uma reflexão que pretende aprofundar o processo de humanização, racional e responsável, pois é indispensável a leitura do mundo para transformar não só o próprio mundo, mas também para mudar o não mundo. Paulo Freire elabora sua síntese humanista, no plano filosófico-educacional, a qual se apresenta como base para a prática pedagógica, tanto que assim se diz sobre ela:

Com efeito, a educação se apresenta como prática da liberdade, ou seja, trata-se de uma práxis que deve libertar o homem de sua situação de opressão. Essa libertação exige previamente um processo de conscientização em relação a essa condição de ser oprimido, processo que é feito de visão e de ação, de tomada de consciência da situação existencial e de práxis social efetiva. É a superação de uma consciência ingênua, passando-se para um nível de consciência crítica: essa é uma consciência articulada com a práxis, sendo então transformadora. Para se chegar a esse nível de consciência, é indispensável a comunicação dialógica, numa relação horizontal, onde a palavra do educando é respeitada e valorizada. A cultura tem assim um significado de força libertadora, exigindo também uma pedagogia libertadora, ou seja, uma pedagogia comprometida com a transformação social. (SEVERINO, 1999, p. 132).

A questão do analfabetismo, por exemplo, não se restringe apenas à impossibilidade de saber e ler escrever. Por certo, inicia-se com iletrados, mas vão além deles, alcançando também aqueles que são mantidos distantes do trabalho digno, das ações políticas, das partilhas econômicas, entre outras

degradações, que tanto assolam pessoas por todos os lados da sociedade local e global.

Essas reflexões conduzem para pensar que esse esforço de ladear Tomás de Aquino e Paulo Freire vai além de enxergar esses homens como circunscritos a seus contextos históricos e culturais, já tão distantes e distintos, mas reconhecer convergências e complementaridades, entre ambos, nos tempos atuais. Foram preocupados com uma proposta educativo-cultural transformadora de realidades cristalizadas, empenhando-se pelo esforço de encontro e diálogo compreensivo e constante com as pessoas, instituições e os mais diversos grupos sociais, até os limites mais ampliados da razão, tendo em clara consideração que a diversidade e a complexidade dos modelos educativos vão se ampliando com a marcha da própria história dos saberes. No entanto, eles constituem referências de resistências racionais a toda sorte de atitudes obscurantistas e perigosas, que vão desde a desvalorização até a desqualificação dos conhecimentos produzidos e partilhados por parte de muitos agentes sociais. Aliás, parece bem pertinente a colocação de que já faz tempo que “[...] a objetividade - ou mesmo a ideia de que as pessoas desejam conhecer a melhor verdade disponível - está fora de moda.” (KUTANI, 2018, p. 16). De representantes institucionais, de ontem e de hoje, a influenciadores digitais, que destilam seus ataques, explícitos ou camuflados, a saberes que merecem ser saboreados por todos, porque já não podem mais ser consideradas massas alienadas, instrumentalizadas, manipuladas e excluídas por núcleos elitizados que reservam para si aquilo que é um legítimo direito natural e universal de todos, vale dizer, uma educação personalista, aberta, crítica, dialógica, humanizadora, interativa, libertadora e de exponencial qualidade, bem como possibilidades de acesso às mais diversas manifestações culturais, como formas de expressão e modos de criar, fazer e viver.

Conclusão

A aproximação dialógica desses dois pioneiros, Tomás de Aquino e Paulo Freire, separados por mais de séculos, não é apenas um diletantismo intelectual de realçar um evento de grandeza cultural. Trata-se de ir ao encontro de uma aspiração mais profunda e bastante discreta da sociedade de hoje. Retirar dos escombros intelectuais engajados, incentivadores do conhecimento, do estudo, criadores de sentido da vida, de um humanismo integral, vai se afirmando cada vez mais como uma necessidade, sobretudo, quando pessoas e instituições se sentem enredadas não só por notícias falsas, mas também por ideias falsas, histórias falsas, enfim, por toda sorte de ataques virulentos, jogos insidiosos e manipulações sorrateiras disseminadas tanto pelas valas comuns do raso senso comum, quanto pelas sendas das cegueiras ideológicas. Não existe desinformação inofensiva e nem falsidade que não tenha, mais cedo ou tarde, consequências calamitosas para as pessoas e para as sociedades.

O alerta deve ser disparado contra a era dos solipsismos e narcisismos reinantes, nos mais diversos meios de informação e comunicação, valendo uma espécie de triunfalismo do ponto de vista que tudo depende tão somente do seu ponto de vista. Mas, o universo do conhecimento, do estudo rigoroso, sério e comprometido com a verdade, a bondade e a beleza das coisas, tão defendido por Tomás de Aquino, quanto por Paulo Freire, enquanto possibilidade singular de experiência contra a alienação, o obscurantismo, a manipulação ainda clama alto nos tempos hodiernos. Eles ainda podem evocados como homens de saber que se empenharam para que a educação e a cultura fossem protegidas e desenvolvidas como formas exponenciais de formação de consciências mais sensatas, ajudando a libertar pessoas de toda sorte de engodos, para que possam desenvolver projetos de vida, pessoal e social, sem perder o horizonte da crítica coerente e consistente sobre o mundo em que estão inseridas. Ficções não são fatos. A realidade da experiência ainda pode mostrar bem essa distinção entre esses dois universos. Verdadeiro e falso ainda têm suas marcas distintivas. Critérios de pensamento ainda podem ajudar a bem identificar uma coisa e outra. Não apenas existem verdades

objetivas, evidências plausíveis para a explicação de certos fenômenos, tanto do campo das ciências naturais, quanto da seara das ciências sociais, que não podem ser desqualificados, com simplismos estonteantes, por retóricas vazias e grosseiras daqueles que se julgam donos de um poder silenciador, seja ele político, econômico ou de qualquer outro matiz. Educação e cultura bem desenvolvidas em uma sociedade funcionam como poderosos antídotos contra apelos a emotivismos baratos, que levam a militâncias de embalos de momento, e contra retóricas do amedrontamento, que nada mais querem do que o silenciar da sensatez.

Tomás de Aquino e Paulo Freire não economizaram esforços para a promoção do conhecimento e do estudo na perspectiva do encontro e do diálogo com as diferentes fontes de seus respectivos tempos, buscando uma leitura realista do mundo, mas não para se acomodar a ele, e sim empreender esforços intelectuais para transformá-lo. Não aceitaram nenhuma forma de escravização da inteligência, nem tampouco a zona de conforto da indignação à distância. Atuaram como mediadores, ainda que com abordagens e linguagens diferentes, do conhecimento que as pessoas, de quaisquer estratos sociais, têm o direito de reivindicar e conquistar. Ambos estiveram diante de uma questão humana radical, de ontem, de hoje e de amanhã, qual seja, é preciso aprender a ler a realidade que está aí diante desse sujeito que, naturalmente, quer conhecer as coisas, desocultando o que vem sendo recalcado, recusando ideologias manipuladoras e colocando-se ao lado daqueles que seguem firme na trilha da verdade e da libertação. É por isso que eles são vozes históricas levantadas em defesa de que o estudo é a luz e a energia libertadora no coração da humanidade, preservando-a ou descontaminando-a dos “analfabetismos” políticos, econômicos, sociais e culturais alienantes e opressores. Tomás de Aquino apresentou sua antropologia realista e sua ética das virtudes, baseadas em uma racionalidade incomum, atuando não só nos quadrantes universitários, mas também se abrindo para discussões de toda ordem com parceiros de fora dela, propondo modelos de ação concreta para a vida política, econômica, social e cultural não só de mundo medieval, mas para a própria civilização.

Paulo Freire acolheu correntes de educação e de pedagogia adiantadas no país, discernindo o que traziam de positivo e mostrando-se consciente da necessidade de inserir na história seu propósito de uma educação libertadora, sem se esquecer de formular uma metodologia pedagógica para essa empreitada. Os dois estiveram em sintonia com as aspirações da humanidade e em confronto com a manipulação alienante e da educação utilitária a serviço de sistemas dominadores.

A marcha inaugurada por esses dois mestres está muito longe de ser considerada finalizada; ao contrário, essa marcha abriu os horizontes mais largos de uma caminhada, hoje sintonizada com o despertar da consciência histórica e social por parte de uma parcela crescente da humanidade, das mais diferentes pessoas e das mais diversas instituições comprometidas com a construção de um mundo melhor. São artífices de um esforço gigantesco para todos aqueles que, direta ou indiretamente, se sentem chamados à coragem de erguerem suas vozes e dispararem atitudes para aquelas aspirações que a mediocridade e a estultice acostumaram a alcinhar apenas de ladainhas da esperança, sem compreender que são valores e ideias elevados pelos quais seres humanos, de ontem e de hoje, como Tomás de Aquino e Paulo Freire, se empenharam para que não fossem aniquilados, pois sempre vale a pena todo esforço educativo e cultural pela verdade, pela liberdade, pela justiça e pela paz.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Trad. de Aldo Vannucchi et al. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. v. VII. 784 p.

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Trad. de Aldo Vannucchi et al. 2ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. v. VI. 711 p.

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Trad. de Aldo Vannucchi et al. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. v. II. 894 p.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 176 p.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 695 p.

AERTSEN, Jan A. A filosofia de Tomás de Aquino em seu contexto histórico. Trad. de Andrey Ivanov. In: KRETZMANN, Norman & STUMP, Eleonore (org.). *Tomás de Aquino*. São Paulo: Ideias & Letras, 2019. cap. 1, p. 23-52. 391 p.

BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *Filosofia para educadores: ensaios sobre a liberdade*. Anápolis: Fundação São Miguel Arcanjo; Faculdade Católica de Anápolis; Goiania: Kelps, 2009. 234 p.

CHENU, Marie-Dominique. *Santo Tomás de Aquino e a teologia*. Trad. de Gerardo Dantas Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 1967. 190 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 144 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 336 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a. 256 p.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b. 192 p.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 112 p.

GADOTTI, Moacir. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo : Publisher Brasil, 2007. 112 p.

GADOTTI, Moacir. *Lições de Freire*. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100002>. Acesso em: 23 fev. 2020

JOSAPHAT, Carlos. *Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas históricas*. São Paulo: Paulus, 2016. 240 p.

KRETZMANN, Norman. Filosofia da mente. Trad. de Andrey Ivanov. In: KRETZMANN, Norman & STUMP, Eleonore (org.) *Tomás de Aquino*. São Paulo: Ideias & Letras, 2019. cap. 5, p. 151-184. 391 p.

KUTANI, Michiko. *A morte da verdade*. Trad. de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 272 p.

LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Trad. de Marcos de castro. 8ª. ed. São Paulo: José Olympio, 2017. 254 p.

LE GOFF, Jacuques. *Em busca da Idade Média*. Trad. de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 222 p.

MACDONALD, Scott. Teoria do conhecimento. Trad. de Andrey Ivanov. In: KRETZMANN, Norman & STUMP, Eleonore (org.). *Tomás de Aquino*. São Paulo: Ideias & Letras, 2019. cap. 6, p. 185-224. 391 p.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2011. 116 p.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – Antiguidade e Idade Média*. Trad. de 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1. 693 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 255 p.

TORREL, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 460 p.

Submetido em: 28/03/2020

Aceito em: 23/06/2020

Publicado em: 30/08/2020